

# MIGUEL REAL



# O ÚLTIMO MINUTO DA VIDA DE SARAMAGO

*Para Filomena,  
David e Bebê, Inês e Hugo,  
Alfa e Noa*

*A Pilar,  
que tem uma tempestade na voz*

O último instante da vida é o que revela  
o sentido e a razão de toda a existência.

JOSÉ SARAMAGO, *In Nomine Dei*, 1993, p. 34.

60"

, que tropel é este que jorra nos meus ouvidos, uma manada em correria e um estampido de touro ribatejano, que cavalos são esses que fui proibido de montar pelo tio Diniz, de espingarda alçada, sacola à bandoleira, de cabedal esfarrapado, que planície sem fim é aquela, que lezíria, que rio lento, que paul, que pego, que céu imóvel, que falcão peregrino alça as asas mais alto que os freixos, que bufo-real sopra mais sólido que o vento, que coração de lata no meu peito, enferrujado de quase nove décadas de vida, que palavras estalam na minha escrita, que Blimunda-Pilar me escalda o olhar, mo enfurece por saber que a vou perder, que Sol, que Lua me acenam, despedindo-se, que ferro é aquele que, rubro de fogo, inscreve na minha carne a comunidade do Ribatejo, da Golegã, que vara vibra no braço do campino, tornei-me em adulto o touro da minha infância e arremessei-me contra o mundo, o pampilho transformou-se na minha caneta e gravei nas minhas células a força da besta contra o homem, nunca me rendi, nem mesmo quando, no primeiro congresso na legalidade do Partido, o Pavilhão dos Desportos inteiro votava a favor do ditame do comité central o fim da expressão «ditadura do proletariado», um braço no ar, um único voto entre não menos de mil delegados, o meu, em protesto, não

hipotequei o juízo, mesmo que limitado, ao Partido, e como o estampido de um touro e o tropel de um cavalo, votei contra, paninhos quentes e meias sopas nunca foram comigo, que horas são estas que me escurecem o olhar, sombrias como as minhas personagens do *Ensaio*, sombras de sombras lhes chamei eu, menos a Mulher do Médico, que transporta resistência e esperança, sombras da claridade das minhas ideias, as personagens figuram ideias com carne, ossos, sangue e nervos, sobretudo nervos, alegorias lhes chamaram, apaga-se-me a vista, nascidos do escuro morremos no escuro, já o vejo dentro de mim, ao escuro, um túnel forrado de negridão, um preto feltroso, mas cintilante, como a terra fértil do *Evangelho* trazido pelo anjo que se revela diabo, não translúcida, antes baça e opaca, feita do éter espiritual que o padre Bartolomeu foi buscar à Holanda protestante, sim, de pedra mole, o barro da vida e da morte que me leva pela mão, nada vejo, sinto a fragrância do perfume da Pilar, onde está ela, pouco cheiro, a morte é isto, um túnel de forro preto que envolve o meu corpo, acolchoando-o, entristeço-me, falta-me aqui o *Cão das Lágrimas* a meu lado, de mim compadecido, por mim chorando, o corpo, descomposto pela doença, está a morrer, está morrendo, dizem os brasileiros, mais acertado, como não tenho alma, nela não acredito, ficam a minha esforçada obra e o meu intenso amor pela Pilar, filha e netos, seria altura de deixar uma frase lapidar, de que os jornais tanto gostam, síntese do que pensei e defendi, mas nada me vem, as dores da agonia preenchem-me a consciência, nos primeiros cinquenta anos de vida augurei um futuro radioso, os últimos trinta e cinco decepcionaram-me, o homem, metade indiferente à sorte alheia, metade ruindade, chamaram-me pessimista, catastrofista, verdadeiramente realista me deveriam chamar, prático, objetivo,

racional, embalo-me sonolento entre as doses de morfina, não vejo solução positiva para o homem, disse-o no *Ensaio* e na *Terra do Pecado*, não encontrei motivos para outra coisa pensar, nenhuma esperança me estimula, sei que na velhice reside o tempo de se pensar que conosco morre o mundo, não penso assim, penso que, como o corpo do homem, o mundo está morrendo desde que nasceu e séculos ainda arrastará esta aflitiva decadência, mas não retornará a tempos luminosos, não se trata da morte de um império para outro nascer, de uma idade para outra irromper radiosa, a globalização tem destas coisas, o seu fim é o fim, preciso de interromper o curso da mente que me força a pensar em apocalipses, olha, lá vêm eles, não os convoquei, apareceram-me, apercebi-me hoje, manhãzinha, um sol frio a encher-me a casa, vieram com aquele linguajar ribatejano que arrasta as vogais, como se indecisos em falar, a boca aberta, suspensa no tempo, titubeante, os lábios entre o ó e o zê, fui para Lisboa aos dois anos, já balbuciei como alfacinha, a minha linguagem é a da cidade, nas férias galhofava com a avó Josefa, imitando-lhe a articulação das vogais, nem abertas nem fechadas, lábios rasos como a planície, olhos alongados como o horizonte, o primeiro a assomar foi aquele de quem não sei o nome mas cuja figura reconheço, o meu bisavô mouro, altivo, faces curtidas pelo sol, atravessara o sertão do Alentejo a pé, chapéu preto espanhol, jaqueta de caçador, caçadeira entre as mãos, olhos claros de berbere, ombros estreitos, como os meus, cabelo encaracolado como o meu, pele castanha de seu natural, alçou a mão direita, delgada e impositiva, os dois molossos sentaram-se, cada um do seu lado, fixando-me, não agressivos, dóceis, finalmente via-o, dele não restam fotografias, deitara-me, as dores sofridas, o analgésico a borbulhar no estômago, as pálpebras

vacilantes, o olhar turvo, quero dizer amor em castelhano à Pilar, que me ampara a mão, me leva aos lábios um sumo de laranja, sussurro em português, amor, o avô Jerónimo e a avó Josefa também aqui estão, sentados na borda da cama, o berbere ao fundo do quarto parece impaciente, de atalaia com os dois sabujos, sempre assim vivera, ele, o meu bisavô, em alerta, diziam-me que era homem de nunca agradecer, só faço o que devo e se tenho o que mereço nada devo agradecer, o seu olhar disse-me, chegou a hora, não te ponhas a disfarçar, basta, viveste o suficiente, alcançaste o que nenhum outro português alcançou, tu, aquele puto da Azinhaga, conhecido no mundo inteiro, pernas esguias, peito esquelético, bem te via a saltar poças e charcos, a apanhar cobras-d'água nos pauis, sapos nos brejos, sanguessugas nas represinhas, vê lá aonde chegaste, não mais longe nem mais perto do que o senhor, que atravessou o Mediterrâneo não sei como, escalou a serra do Caldeirão, quem sabe se não se alimentou de medronho, embebedando-se, labutou no meu Alentejo como um ganhão, talvez aqui tenha pernoitado no casinhoto dos antepassados dos Mau-Tempo, pensei em si na cooperativa, no Lavre, à noite, à volta da fogueira, por vezes vislumbrava-lhe o espectro, uma sombra ondeante adelgada em torno das labaredas, e veio parar à Golegã, a um baldio, que ocupou, fez uma choça de troncos e ramagens, caçava e pescava para comer, acolheu os dois cães e oferecia-se para trabalhos ao portão dourado e verde das quintas, recebido pelas serviçais das senhoras de avental bordado alvíssimo que lhe abriam as pernas à entrada das cocheiras, procedo de um bisavô mouro ou berbere como o padre António Vieira, somos os dois o retrato vivo da história, ele com Cristo no tempo de Cristo, eu sem Cristo e sem o tempo dele, ele em nome de Cristo a denunciar e a criticar,



eu em nome do homem a denunciar e a criticar, a certidão de nascimento da minha mãe regista-a neta de avô incógnito, aquele famoso bisavô berbere, mouro é que devia ser, cuja fama de arrasa-corações e arranca-pinheiros nunca enganou ninguém, deu-nos os genes, a aparência comum, o ar de família, esqueleto alto, corpo delgado, tez morena, feições vincadas cortadas a enxó, olhos pequenos e estreitos, rosto quadrado, que reunia, numa espécie de tribo reconhecível à légua, os Saramago da Azinhaga, a cepa masculina que nos compôs não era daquelas paragens ribatejanas, viera de África, como o australopiteco primitivo, e acrescento, um dos poucos homens que o visitou, disse-me a avó Josefa, foi morto e enterrado ali mesmo, vinha pedir explicações ao mouro por este lhe ter cativado a mulher e recebeu em cheio no peito a descarga da caçadeira, quem foi este homem que me deu o antigo ser, a Pilar beija-me os olhos, dá-me força para descerrar as pálpebras, recebo novo comprimido de morfina para me aplacar as dores, a minha mãe senta-se na borda da cama, orgulhosa de mim, com o mesmo sorriso feliz da Casa do Alentejo na apresentação de *Levantado do Chão*, ri-se entre o avô e a avó, vestidos à ribatejana, cotim e camisa de flanela aos quadrados, o avô com a cinta enrolada, o barrete ribatejano a escorregar da cabeça suada, ele descalço, ela de tamancos gretados de cortiça, a mãe à urbana, malinha de falsa pele na mão comprada nos saldos do Grandella, vestido escuro listrado de fazenda, camisa creme de folhos, punhos rendados, chapéu imitação barata de boina francesa, olhei, pálpebras trémulas, para o retângulo da porta, sombreado pelo sol esquivo que perfurava as cortinas de tule, receava a aparição do meu pai polícia, não, este não veio, assomou o meu pai jornalista, calças amarfanhadas de brim, cara amarrotada, botas empoeiradas

de carneira velha, um colete amachucado, as mãos enroladas uma na outra, a enxada ao lado, a pá de valar, levantava o dedo, alçava-o mais alto que os companheiros oferecendo-se para a jorna da semana, o maioral, de má catadura, não o queria na campanha, forçado porém a aceitá-lo, o peito rijo do pai, forte para o trabalho, disciplinado, maldizente, sempre crítico dos aleijões do mundo, legado que me deixou, em Lisboa ajustou-se como polícia, virou para o lado feio do mundo, quando entrou no quarto, pé ante pé, desconfiado, trajava a farda de militar da primeira guerra mundial, cotim cinzento, capote de mescla, botões de metal, botas untadas de sebo, castanhas, brilhantes, tachas a explodir no soalho, polainas de couro curtido, não viera o pai polícia, viera o pai jornalista e o pai soldado, libertador, que me contava histórias do gás mostarda e das baionetas dos boches, depois virou pai polícia, repressor, deu um passo dentro do quarto, um frio fúnebre arrepiou-me, é verão, está calor, evaporara-se o sol frio, adviera um sol brilhante, refulgente, o céu brilha claro, azulíneo, nunca resolvi a infância triste que tive com um pai impositivo, autoritário, um salazarzinho de trazer por casa, um polícia, cabo, depois subchefe de esquadra, não me lembro de a mãe me dar um abraço, um beijo, havia uma atmosfera de desconfiança, habituei-me a prenunciar segundas intenções, daí talvez a necessidade que sinto da análise, de ver além da superfície, vivíamos em casas repartidas com outros casais, os irmãos Barata, eu dormia num colchão velho ao lado da cama de meus pais, o pai roncava com a força do resfolegar dos porcos da Azinhaga, deitava-se primeiro, a mãe depois, agitada mas silenciosa, delicada, olhei para a figura fantasmática do avô Jerónimo, exposto na roda da Santa Casa, onde estariam os seus porcos, o pai jornalista não, nunca o conheci, histórias

que o pai polícia contava, não a mim, aos Baratas homens, ao jantar, painho do Pombalinho sobre a mesa, fatias de pão duro, chourição e vinho carrascão, torresmos e morcela preta, davam-lhe nas tascas da rua dos Cavaleiros, à Mouraria, vigiadas pelo pai, que lhes expulsava bêbados e párias, e algum dinheiro, e mulheres da rua, à noite, quando regressava da esquadra do Socorro, ofereciam-se, ele aproveitava, encostava-as à parede, penetrava-as, nada podia fazer com a mãe enquanto eu estivesse no quarto, havia constrangimento, eu percebia mas desconhecia o porquê, está aí o miúdo, dizia a mãe para o pai, porra para o pingarelho, ajuntava o pai, aplicando mal a palavra aprendida em Lisboa, a Pilar ajeita-me a almofada, sinto um fio de baba a escorrer-me pela comissura esquerda dos lábios que ela limpa com um lençinho branco, esguicho os lábios docemente, presumindo beijar-lhe a mão, fico-me pela intenção, que os lábios pouco me obedecem, a Pilar adivinha e beija-me as faces, pre-nuncio que chorava, sinto, junto ao nariz, o restículo de humidade de uma ou duas lágrimas, não precisamos de falar, sabemos quem somos um para o outro, o que faremos, recorro ao provérbio «casamento e mortalha no céu se talha», fomos talhados um para o outro, harmonizávamo-nos em corpo e pensamento, em tudo nos proporcionávamos, ao contrário da minha primeira experiência sexual com a Domitília, ansioso, desajeitado e punido, habitávamos a mesma casa, ela filha de um dos Barata, fomos apanhados, ela e eu, metidos na mesma cama a brincar aos noivos, ativos, curiosos de tudo quanto no corpo existe para ser tocado, penetrado e remexido, apanhámos umas palmadas no rabo, creio recordar que sem demasiada força, lembro-me de estar na varanda das traseiras (um quinto andar altíssimo), de cócoras, com a cara metida entre os ferros, a chorar, enquanto

a Domitília, na outra ponta, me acompanhava nas lágrimas, mas não nos ficou de emenda, uns anos depois, ela foi visitar a tia Conceição, e o caso é que não havia ali tia nem tio, nem meus pais estavam em casa, graças ao que tivemos tempo de sobra para acercamentos e investigações que, embora não chegando a vias de facto, deixaram inapagáveis lembranças a um e a outro, ou pelo menos a mim, que ainda estou a vê-la, nua da cintura para baixo, a Pilar ao telefone, ouço em eco, cara contrita, repesada, chama o médico, levanta a voz, diz vale!, vale!, aceno-lhe levemente com a cabeça, tenho dificuldade em falar, a língua não se move, dou-lhe ordens mas ela não obedece, Pilar, não vale a pena, é o fim, o fim dos fins, o momento derradeiro, os meus avós e os meus pais já aí estão, até veio o bisavô com os dois rafeiros, seria ocasião para fazer uma contrição se deus existisse, não consigo, de nada me arrependo, deus é só um nome na cabeça dos homens, um sentimento útil para dar crédito à esperança no futuro dos deserdados, devo perdoar àqueles que me martirizaram de acusações falsas, umas, outras mentirosas, outras ainda carregadas de má-fé, o que foi, foi, o que aconteceu de mau ou de bom, aconteceu, nada há a perdoar ou a acusar, talvez àqueles que se aprazem nas malfeitorias contra os seus semelhantes, o meu pai avança um pé, já o conheço, insinua-se para dominar, uma presença autoritária, a mãe levanta-se, dá-lhe o lugar na borda da minha cama, não, mãe, percebi a tua submissão, hoje não a percebo, o avô Jerónimo interpôs-se, nunca gostou do genro, agradecia-lhe o pão sobre a mesa em Lisboa, que não faltava, mais não, ergo um dedo, o demonstrador direito, soergo a custo as pálpebras, o pai desaparece, não o quero aqui, os avós também o não querem, o bisavô desinteressa-se, semente da família mas não parte dela,

corpo delgado, hirto, musculoso da faina, solitário, tinha tudo para agradecer às carnes rijas das ribatejanas, faz-me plantão sem saber o porquê, desconhece-me o porquê da fama, admira-se, não sabia ler, não sabe o que é ser escritor, o motor da minha vida, o meu destino, sempre chegamos aonde nos esperam, e a escrita esperava-me desde que folheei a *Athena* e um poema de Ricardo Reis me impressionou, como se ali visse espelhada a minha vida, teria eu, não me lembro, não mais que dezassete anos — «Para ser grande, sê inteiro: nada / Teu exagera ou exclui / Sê todo em cada coisa / Põe quanto és no mínimo que fazes / Assim em cada lago a lua toda / Brilha, porque alta vive» —, foi uma revelação, uma hierofania, deleitosa como as de santa Teresa de Ávila, não guerreira e violenta como as de Joana d'Arc, o anúncio que tinha descoberto na escrita o deus que não há, ela deu-me sustento, física e mentalmente, sem ela a vida não teria tido sentido, mas tardou a chegar o reconhecimento da sua qualidade, afrontei-me por um labirinto da escrita que me realizava — e alimentava — no dia a dia, mas não me satisfazia, a mim e aos leitores, bendito desemprego para o qual me arrastou aquele ano revolucionário, é agora ou nunca, decidi-o no restaurante da Madragoa que frequentava com a Isabel, vou escrever, só, mais nada, disse-lhe, tomado de um entusiasmo adolescente, tinha cinquenta e quatro anos, não tinha trabalho e as finanças claudicavam, virava os bolsos e nem um tostão, foi bom porque me forçou a renascer, apeteceu-me ir à porta e gritar a toda a gente, vou ser escritor, agora sim, ando, meu deus (é uma expressão), a tentar desde os vinte e quatro, trinta anos inúteis, o meio da vida, a maturidade, eu sempre a traduzir os outros, a escrever para revistas, a publicar os livros dos outros, como um serviço das editoras, a Isabel pareceu ficar assustada, comia pescada

cozida com feijão-verde, suspendia o garfo no ar antes de lhe voltar os dentes para cima, ajeitando-o à boca, o mindinho espetado como um farol, o seu tique aristocrata, relíquia de educação de menina fina, sosseguei-a, continuaria as traduções e as revisões, recordo-me que lhe disse, se não me deixam mudar o mundo — acabara de ser despedido do *Diário de Notícias*, acusado de comunista —, nada impede que me mude a mim próprio, a Isabel, cética, respondeu-me, essa é a maior revolução, um homem ser homem, não ser isto ou aquilo, mas homem, e, para ti, ser homem é ser escritor, eu sei, respondi, andei sempre pelos caminhos da escrita, tu sabes, tentei tudo, crónica, poesia, editor, romance, mas o fracasso tornara-se evidente, o leitor não me desprezava, não podia afirmá-lo, pura e simplesmente não se interessava pela minha escrita, desconhecia-me, como todos desconhecem o meu primeiro conto infantil, *A Menina e o Baloço*, lírico mas pessimista, metáfora para todos os sonhos paradisíacos das crianças esboroados pelo crescimento, permanecendo distantes e utópicos e, finalmente, envolvidos num manto de tristeza e solidão, que a menina tenta vencer com as «saudades de uma mão na sua mão», isto é, com a solidariedade, um homem juntar-se a outro homem como única forma de combater o fracasso após a vivência da felicidade utópica ao modo da mente de uma criança, emerge a distopia da verdadeira realidade: «Um denso nevoeiro começou a levantar-se do chão. As cidades ocultaram-se atrás dele, e os campos, e o mar. Já não havia céu azul. Era tudo uma espessa e húmida nuvem onde passavam murmúrios e vozes antigas. A menina tremia de frio. Não tinha medo, só o frio. Estendeu os pés à procura dos degraus [da escada que levava à tábua do baloço], e não havia degraus. Então deixou-se escorregar da sua tábua de ouro, e caiu. Caiu

lentamente, como em sonhos, um pouco triste e cansada. Quando chegou ao chão, ficou enrolada como um pequeno animal ou a casca de um fruto. O nevoeiro começou a dissipar-se devagar, rolando em volutas desmanchadas. Por entre elas, rompiam raios de sol. E de repente desapareceu. A menina olhou para cima. O baloiço lá estava, muito mais alto que antes, com a sua tábua de oiro e as cordas floridas. Mas não havia degraus. Então a menina sentou-se e esperou. Perto de si abria-se uma rosa com a paciência do tempo reencontrado. A menina aproximou o rosto da flor terrestre e ali ficou à espera que a fossem buscar: porque era menina e tinha saudades doutra mão na sua mão», sempre este buraco entre o sonho e a realidade que, desde a juventude, se não antes, me tornou céptico, não consigo ser como o Vieira, homem feliz em infelizes circunstâncias, batallhando contra estas com uma vontade furiosa, crente no paraíso do Quinto Império como eu no comunismo, ambos tentámos tornar o mundo mais justo mas eis que logo este se entortava, verdadeiramente nunca deixou de ser torto, nós, porém, filhos do ideal, sonhávamo-lo direito, reto, Vieira à luz das parábolas de Cristo, eu à luz dos ensinamentos de Marx, não estávamos enganados, ele foi o homem mais fracassado da história de Portugal, nada do que sonhou se cumpriu, o Quinto Império nunca veio, os índios do Maranhão e do Grão-Pará foram exterminados, os judeus condenados pela Santa Inquisição e os pretos continuaram a ser barbaramente escravizados, mas, como ele, é forçoso prolongar o sonho de um mundo justo, a um homem decente não resta outra coisa, mesmo sabendo ser ilusão o bem universal, uma construção lírica da mente humana, a minha conhecida ironia nasce daqui, da crítica azeda contra a sociedade que retira os degraus da escada da felicidade utópica

à criança-tornada-adulta, forçando-a à solidão e à tristeza, a crítica contra o interesse material que rege as sociedades e exige a expulsão platónica dos poetas da cidade, protestei, exigi o poeta na cidade na minha crónica «Salta, Cobarde!», a assistência revolta-se e o orador encerra apressadamente a sessão, eu próprio, apresentado na crónica como um ele, sofro da doença do lirismo, não consigo evitar: «Muitas vezes estas minhas prosas navegam em barcas engrinaldadas, com acompanhamento de violinos poéticos, de efeitos de luz que vou buscar às transparências cristalinas, às rendas vegetais, aos esbatidos das visões aquáticas. É pendor de que me não libertarei nunca e de que (porque não dizê-lo?) não me envergonho», mais tarde escrevi novo conto infantil, *A Maior Flor do Mundo*, a avó Josefa, na borda da minha cama, chora ao modo das avós, baixinho, habituada a anos de convívio com a desgraça, mais um pranto murmurado do que um choro, «Não sabes nada do mundo. Não entendes de política, nem de economia, nem de literatura, nem de filosofia, nem de religião. Herdaste umas centenas de palavras práticas, um vocabulário elementar. Com isto viveste e vais vivendo. (...) E, no entanto, tens os olhos claros e és alegre. O teu riso é como um foguete de cores. Como tu, não vi rir ninguém. Estou diante de ti, e não entendo. (...) Vieste a este mundo e não curaste de saber o que é o mundo. (...) Porque foi então que te roubaram o mundo? Quem to roubou? Mas disto entendo eu. (...) Mas porquê, avó, porque te sentas tu na soleira da tua porta, aberta para a noite estrelada e imensa, para o céu de que nada sabes e por onde nunca viajarás, para o silêncio dos campos e das árvores assombradas, e dizes, com a tranquila serenidade dos teus noventa anos e o fogo da tua adolescência nunca perdida: “O mundo é tão bonito, e eu tenho tanta pena de morrer!”



É isto que eu não entendo — mas a culpa não é tua», e o avô, «um homem sem oportunidades, talvez um Einstein perdido sob uma camada espessa de impossíveis, um filósofo (quem sabe?), um grande escritor analfabeto. Alguma coisa seria que não pôde ser nunca», cabe-me agora a vez de morrer, os meus deuses humanos já chegaram, e imito a tua simplicidade, «O mundo é tão bonito, e eu tenho tanta pena de morrer!», disse-me a avó um dia, eu também gostaria de continuar, sentir de novo a alegria dos pobres, a festa dos amigos, a pureza das crianças, a resignação dos velhos, o amor com a Pilar, mas morro feliz, vivi mais do que queria ter vivido, não sofri de imaginação suficiente para acreditar que seria um dos mais conhecidos escritores do mundo, não da Azinhaga, que outro não tem, não de Lisboa, que muitos e presumidos tem, uma cáfila de pedantes intelectuais, tão publicitados quanto medíocres, não de Portugal, estufa histórica de ótimos escritores, de dom Diniz a Agustina, mas mesmo do mundo, orgulha-me e responsabiliza-me, era este o lugar aonde eu, não o querendo, não o ambicionando, deveria chegar, tinha aprendido uma lição, que um escritor só é deveras grande se for um transgressor, um contestatário do poder, aprendi-o com Gil Vicente, com Sá de Miranda, com Camões, com Vieira, Garrett e Alexandre Herculano, Eça de Queirós e Antero de Quental, com todos os que se sentaram na história da literatura portuguesa e combateram a situação herdada, desafiaram o pensamento dominante, Gil Vicente censurado mal chegou a Inquisição, Sá de Miranda trinta anos exilado em Cabeceiras de Basto, descontente com os louvaminheiros do empório que substituíra o império, Camões expulso da corte, preso, exilado à força na Índia, Vieira quatro anos a escarrar sangue, ele o diz, aprisionado nos cárceres de custódia

do Santo Ofício em Coimbra, Herculano desconsolado em Vale de Lobos, Antero suicidando-se, desgostoso da decadência de Portugal, ai dos poetastros que se encostam ao poder, dele recebendo benefícios, exigindo comendas, morrendo bafejados pelos louvaminheiros do Estado, espero que o horroroso Cavaco Silva não vá ao meu enterro, vir para esta casa foi o caminho certo, não podia mais, abria o jornal em Lisboa e via a feira de vaidades de políticos de pacotilha, títeres de um poder maior, senti o nojo que Sá de Miranda sentiu em Coimbra, a corte de dom João III dominada pelos arrivistas interesseiros, o sentimento de Camões quando escreveu que «fraco rei faz fraca a forte gente», a denúncia satírica de Gil Vicente aos corregedores, aos fidalgos presunçosos, aos clérigos de banhas gordas, quando Vieira escreveu que «Não» era a palavra mais importante do mundo e quando Antero de Quental, sentado, ergueu a pistola sob a palavra «Esperança», tudo por que eu lutara no *Diário de Notícias* se esboroou diante de mim, não me bastou denunciar as fracas e balofas elites portuguesas, já não aguentava, caía lentamente na resignação, Lanzarote foi um recomeçar de vida após a censura do governo de Cavaco ao meu *Evangelho*, fui para o exílio voluntário, como Pessoa, isolado, recolhido, vivera em Lisboa, Pascoaes em Gatão, Brandão em Guimarães, Teixeira-Gomes em Bougie, Régio em Portalegre, Torga em Coimbra, avô, tu ensinaste-me que não se deixa os porcos passar frio ao relento da noite, os porcos são, para o homem, os animais dos pobres, os que servem para tudo, como os trabalhadores, sessenta anos a labutar para pôr o pão sobre a mesa a filhos e netos e, no final, se não tinham dinheiro para pagar ao vigário da paróquia, o corpo jogado para a vala comum com um lençol roto a servir de mortalha, tu levavas os porcos para a cama, para os aqueceres,

abraçaste-te ao tronco das árvores quando partiste da tua casa para não mais regressar, morreste desgraçadamente em Lisboa, enterrado — meu deus! — no assético e burguês cemitério de Benfica, foi a tua lição que aprendi, não a do pai, policial repressor, sabujo para os de cima, opressor para os debaixo, um buraco de princípios, uma montanha de interesses, um cérebro sem utopias, apenas a conta bancária e a ordem nas ruas lhe interessava, a figura do pai já desapareceu do quarto, ainda bem, os avós sorriem para mim em aprovação, o bisavô mouro, rosto granítico, olhar esmeralda, afaga os dois mastins como se, acarinhando os animais, a mim me acariciasse, a Pilar move-se, inquieta, senta-se no lugar da minha mãe, que, antiga mulher portuguesa, saiu, seguiu o meu pai, fico com a impressão de que a roda do mundo ribatejano que girou na minha família brotou em flor na minha vida, fui, a ser verdade que todos têm um destino traçado, a sua realização final, mortos há mais de meio século ninguém hoje falaria dos ribatejanos Jerónimo e Josefa, menos do meu bisavô, de quem nem o nome sei, ou soube e esqueci-me, há estes mistérios na vida das famílias, um justifica o todo, dando sentido a séculos de anonimato, gostaria de me soerguer na cama mas não tenho força, abraço mentalmente os avós, agradeço-lhes o exemplo de luta contra o infortúnio e, simultaneamente, a humildade de se sentirem satisfeitos com o que tinham, sorrindo para o neto que lhes habitava a casa nas férias grandes, deram-me a felicidade possível e a ilimitada liberdade do horizonte azul da planície e do fio verde do Almonda, ali, a beijar o Tejo, no correr dos dois rios percebi que sempre fica algo do que passa, que é a marca do nosso carácter, a ética frontal do meu bisavô, por vezes violenta, e a ética de luta diária pela sobrevivência dos meus avós, sem mentiras e imposturas,

# O último minuto na vida de Saramago

No seu derradeiro minuto entre os vivos, um Saramago moribundo revisita oitenta e sete anos de uma vida comprometida com a denúncia da injustiça social e dedicada ao poder subversivo da literatura. Com Pilar à sua beira, e consciente do fim iminente, deixa-se visitar pelos seus fantasmas e enceta com eles um último diálogo, por vezes doloroso, mas sempre genuíno.

Do bisavô que não chegou a conhecer às personagens a que deu vida nos seus romances, passando pelos familiares e amigos que ajudaram a moldar um caminho que percorreu sem olhar para trás, recordam-se os momentos mais marcantes do serralheiro que foi empregado de escritório, que foi editor, que foi tradutor, que foi jornalista, que foi escritor, que ganhou o Prémio Nobel.



Num fio de consciência ininterrupto, oscilando entre o delírio e a realidade, Miguel Real recria os segundos finais de uma vida irrepetível, evocando as paixões, fracassos e glórias que preencheram a existência de um homem que nunca se esqueceu de onde vinha nem nunca duvidou de aonde queria chegar.

«a mãe, analfabeta, confessou-me, quando lhe ofereci um exemplar, que nunca tivera tanta pena de não saber ler, se soubesse que ia ter um filho escritor teria feito um esforço em nova, foi a primeira vez que alguém me chamou escritor, fiquei a saborear a palavra, soletrando-a interiormente, es cri tor, não era o escritor, ou um escritor, era eu-escritor, fiquei com a palavra na boca durante quase vinte anos, à espera que outro alguém me chamasse escritor (...)



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

[companhiadasletrasportugal](https://www.facebook.com/companhiadasletrasportugal)

[penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

ISBN 9789896659165



9 789896 659165 >